

A AÇÃO CULTURAL DO BIBLIOTECÁRIO: GRANDEZA DE UM PAPEL E LIMITAÇÕES DA PRÁTICA

Maria Christina Barbosa de Almeida*

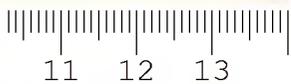
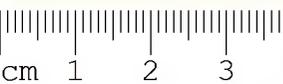
RESUMO: Discute os conceitos de animação cultural e ação cultural em relação à prática das bibliotecas públicas do Estado de São Paulo. Constata que o bibliotecário não está preparado para enfrentar esta nova dimensão de sua profissão e afirma que a formação profissional do bibliotecário deve ser repensada a fim de responder às necessidades sociais. Propõe algumas sugestões a nível de cursos de graduação, programas de especialização e projetos interdisciplinares, como possíveis soluções imediatas para minimizar o problema.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas Públicas. Animação Cultural. Biblioteca. Formação.

Animar bibliotecas. Estariam elas desanimadas? A idéia de "animação cultural" passou a circular entre os bibliotecários justamente em um momento de crise ao se perceber que a biblioteca tinha de mudar, arejar, permitir a entrada de energia nova, combatendo a situação de desgaste entrópico em que se encontrava.

O conceito surgiu primeiro em referência a atividades próprias das bibliotecas públicas, principalmente das bibliotecas infanto-juvenis, que sempre desenvolveram atividades de extensão ligadas, sobretudo, às áreas da leitura e das artes. Pretendia-se "animar" a leitura, estimulando a criança e o jovem a ler, e utilizar as artes (as atividades de desenho, de pintura, de música etc.) como "isca" para o livro. Esta idéia das atividades artísticas servindo de "isca" para outras atividades tem sido motivo de preocupação e objeto de reflexão de vários autores nacionais e es-

* Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Diretora do Serviço de Biblioteca e Documentação da ECA/USP:



trangeiros. Parece que na biblioteca, assim como na escola, a arte ainda tem sido usada para finalidades que escapam a seus próprios objetivos. Mas o que interessa aqui é a idéia da animação, a idéia de animar o livro para chamar atenção sobre ele; a idéia de animar a biblioteca para impedir sua utilização simplesmente como posto de cópia, permitindo o cumprimento da obrigação de apresentar "pesquisas" escolares.

As bibliotecas públicas estavam (muitas ainda estão) sem saída – a escola, o velho sistema escolar as engolia. Deixaram de atender ao povo para receber o escolar; seus espaços, nas férias, ficavam vazios.

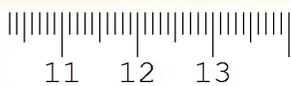
O desenvolvimento de atividades de "animação cultural" contribuía para transformar a biblioteca em espaço de convivência e troca de experiências como ela era, ainda que para poucos, nas primeiras décadas deste século.

A idéia de biblioteca como centro de convivência e informação que, no Brasil, tomou corpo com as propostas e o trabalho de Luiz Milanesi à testa do Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, deu nova dimensão às bibliotecas e à profissão de bibliotecário, sobretudo daquele ligado à biblioteca pública.

O conceito de animação cultural ainda não está muito bem delineado na cabeça dos bibliotecários, da mesma forma que as atividades de animação não estão muito bem estruturadas no conjunto dos serviços da biblioteca. Muitos bibliotecários, com a auto-imagem tão negativa que costumam carregar, em função, principalmente, de sua formação deficiente e dos estereótipos seculares que lhes impingem, se sentiam valorizados com a expressão que virou moda e passaram a se auto-denominar animadores culturais.

Não posso concordar com o novo rótulo porque encaro a animação cultural não como profissão, mas como *dimensão* de um grande número de profissões. Da mesma forma que o bibliotecário, o sociólogo, o assistente social, o arte-educador, o músico, o professor etc. podem desenvolver essa dimensão de sua profissão. O sujeito não vai exercer uma nova profissão, mas vai contextualizar sua ação.

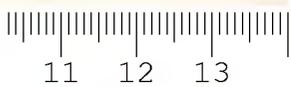
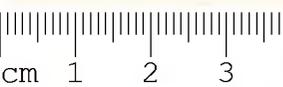
Cabe aqui distinguir o agente cultural do animador cultural. O trabalho do agente cultural implica, mais que animar, agir sobre, transformar a partir da existência de uma intenção e de um alvo. A expressão "ação cultural" ou mesmo "ação sócio-cultural" (já que não há ação cultural que não seja social), é muito mais carregada de poder transformador



do que "animação cultural", que muitas vezes se refere até à animação institucionalizada, voltada para o consumo, utilitária e alienante. Por outro lado, a palavra "animador" já está entre nós muito desgatada, podendo ser adotada para o locutor de rádio, para o apresentador de TV, para o palhaço e até para o recreacionista que anima festinhas infantis.

Talvez uma das maiores diferenças entre o animador e o agente esteja justamente no objetivo da atuação de cada um. No caso do animador, a ênfase está no consumo, enquanto que o agente enfatiza a criação, a expressão das pessoas. O que se fazia – e ainda se faz – nas bibliotecas públicas era "animação", eram atividades com o objetivo de se consumir o livro de fazer o "marketing" da biblioteca. A ação cultural vai mais fundo. Busca a expressão e a criatividade dos indivíduos no grupo e na comunidade. Está ligada à idéia de transformação, de emancipação a partir da expressão. Diz respeito não apenas a produtos culturais acabados, como também às condições que levem à capacidade criativa, à produção cultural. Relaciona-se, por outro lado, ao processo de educação coletiva, no momento em que desenvolve atividades práticas e em que abre espaço para a troca de informações e a discussão sobre temas de interesse do grupo. É a educação "lato sensu", paradoxalmente anti-escola.

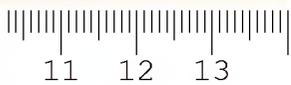
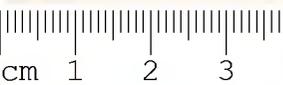
A ação cultural, tal como é entendida aqui, não tem limites de conteúdo, nem é restrita a determinados espaços. Assim, pode ter como campo a Arte, a Política ou a Culinária, por exemplo. Não tem nada a ver com "alta" cultura ou "baixa" cultura; o importante é que seja um plano de ação para uma determinada comunidade ou grupo. Mais importante ainda é que seja um plano desenvolvido pelo próprio grupo. Quando esse atinge esta situação, toda a comunidade ou todo o grupo é agente, e o agente "profissional", talvez o estimulador primeiro, passa a ter um papel muito mais acentuado de planejador e administrador de recursos para que as ações se sucedam. É preciso enfatizar que cabe, fundamentalmente, ao agente cultural deflagrar processos. Teoricamente, não seria obrigação sua administrar processos decorrentes de sua ação. Chega a ser até perigosa esta administração, pois pressupõe sempre o controle. Mas talvez ainda tenha que ser um pouco assim entre nós, já que não temos tradição de participação política. Por outro lado, não se pode encarar como lógica, racional e espontânea a participação. Mesmo as pessoas que têm consciência política e que geralmente participam de movimentos coletivos apresentam momentos em que se dedicam inteiramente a seus in-



teresses particulares, desligando-se, temporariamente, das ações de interesse público. Assim, nem todos participam de tudo o tempo todo. Daí o papel do agente, estimulando a participação. Sua atuação é mais a de coordenar e instigar do que de intervir diretamente; a idéia de administrar deve estar muito mais voltada à elaboração de projetos e ao provimento de recursos do que ao controle propriamente dito. A tendência deve ser a de auto-gestão.

A ação cultural não está limitada a espaços específicos. No caso de biblioteca, ela pode ser uma ação cultural a partir da biblioteca, mas nunca na biblioteca. É diferente da idéia de animação cultural; pode-se animar uma biblioteca ou se planejar atividades de animação na biblioteca. A ação cultural não tem paredes: uma vez deflagrada poderá se multiplicar, se modificar e tornar muito difícil o controle sobre ela. Os espaços são apenas pontos de partida. Os benefícios da ação escaparão desse espaço. É o problema da biblioteca da cidadezinha do interior. É ponto pacífico que para que esse profissional possa desenvolver um trabalho conseqüente, é preciso que ele saia da biblioteca e vá para a rua conhecer a comunidade a que pretende atender. É muito provável que sua primeira grande interferência não se realize dentro da biblioteca, geralmente tão pouco freqüentada, mas, na rua, onde o povo está. A partir daí, a biblioteca poderá mudar sua imagem e ampliar seu papel.

Informação é poder, sim, mas só para aqueles que têm acesso a ela. E não se trata apenas de acesso físico: trata-se de acesso a seu conteúdo. Trata-se da capacidade de poder ler, de poder entender, de incorporar, de vivenciar, de se integrar, de se reconhecer, e de decidir sobre o que lhe diz respeito. O bibliotecário precisa compreender que disseminar informação é diferente de dar acesso. Disseminar está mais voltado ao consumo; é papel da animação. Funciona como instrumento de estímulo ao consumo da informação, mas não envolve, obrigatoriamente, reflexão sobre o significado dessa informação no contexto social, nem discute as implicações da posse dessa informação. Dar acesso é parte da ação sócio-cultural, do processo de desenvolvimento de uma comunidade. Implica fornecer todos os meios para que a comunidade se aproprie da informação, encarada essa apropriação como o resultado de um processo dentro do ciclo informação-reflexão-expressão (ação/criação). Este processo, sendo cíclico, pode apresentar diferentes momentos de deflagração; o papel do bibliotecário/agente cultural está justamente em influir para a entrada da



comunidade neste ciclo. Este esforço, em si, já é parte de uma ação sócio-cultural. Envolve contato, troca, participação; enfim, ação coletiva, e sua manutenção pode criar um potencial inovador e transformador irreversível.

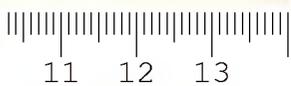
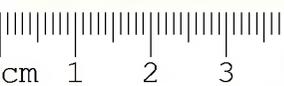
O Agente cultural está geralmente ligado a uma instituição, seja ela o Museu, a Biblioteca, a Igreja ou o partido político. Aí está seu primeiro dilema. No caso de uma biblioteca pública, ela é pública porque é mantida pelo Estado; não há uma relação direta de "pública" com "de propriedade do povo". Surgiu até o conceito de biblioteca popular, utilizado quando se deseja fazer referência àquela que é comunitária, do povo. O fato de ser o Estado o patrão e provedor já amarra alguns objetivos e oportunidades práticas de ação. O agente trabalha muitas vezes com camisa de força. Como mudar, se o patrão quer manter? Como atuar nas famosas "brechas" do sistema?

Nos lugares em que já existe vida comunitária o trabalho é só de dinamização: trata-se de dar apoio para que a comunidade descubra suas próprias soluções para os problemas que a afligem. Isto se dá pelo estímulo à criação de grupos de pressão, pela participação, enfim, da comunidade nos assuntos que lhes dizem respeito.

Nos lugares onde as relações comunitárias são mais fracas ou inexistentes o primeiro trabalho do agente é de quebrar o isolamento das pessoas e tentar formar grupos com interesses comuns. Os bibliotecários podem, por exemplo, incentivar a criação de grupos ligados às artes (teatro, fotografia, música etc.) ou à literatura (poesia, conto, cordel etc.) ou ainda a temas específicos (mulher, negro etc.). Esses grupos podem ser estimulados a se apropriar da biblioteca e a reivindicar recursos, novos serviços, novos espaços. É a idéia da gestão participativa que, além dos objetivos específicos que pode alcançar, tem como principal benefício social a própria organização da comunidade. Pesquisas ligadas aos movimentos sociais urbanos têm constatado que pessoas que integram algum tipo de movimento ou ação comunitária geralmente continuam tendo algum tipo de participação social, mesmo quando a finalidade daquele movimento específico foi alcançada. A ação treina para a ação. Isso justifica a tentativa, por menor que seja, de estimular a criação de grupos e favorecer o trabalho cooperativo.

O trabalho do agente está na dependência de três fatores: sua relação com o ambiente, o domínio da técnica e a clareza de seus objetivos.

Isso nos leva a refletir sobre a formação do gente cultural. Embora



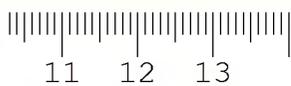
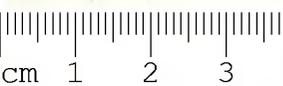
se parta do princípio de que não se trata de uma profissão, mas de uma dimensão de várias profissões, não se pode deixar de destacar que há uma bagagem comum que esses agentes devem trazer. Essa bagagem passa a opor reflexões que vão desde o conceito de cultura, de arte, de educação e de política, até o domínio de técnicas do trabalho com grupos, de desenvolvimento de projetos culturais e de administração de espaços culturais. Isso sem falar do saber específico de cada profissional, ligado à sua área de atuação.

Neste sentido, não se considera mais adequado para biblioteca pública o bibliotecário que só sabe "biblioteca", ou seja, que tem apenas competência técnica para trabalhar com seu objeto, a informação. A informação, em si, não provoca nada de novo. É preciso colocá-la em circulação de tal forma que ela passe a adquirir significado para as pessoas, que ela, de fato, interfira na vida das pessoas. Para isso o bibliotecário deve conhecer muito mais do que a forma de seu objeto; deve dominar seu conteúdo. É também indispensável que ele conheça seu usuário real e potencial, saiba de suas relações com a informação, com a biblioteca e com as outras pessoas. E isso não se aprende no Curso de Biblioteconomia e Documentação.

O referido curso tal como está estruturado pelo Conselho Federal de Educação, é curso generalista, forma profissionais polivalentes para atender a uma demanda de mercado que raramente é polivalente. Desde o final dos anos 60, já ficou bem clara a idéia de ser o bibliotecário dirigido ou orientado para seu usuário. Neste sentido, não há lugar para o polivalente que boa parte das escolas despejam no mercado. O usuário tem um perfil que pode ser definido a partir da especialidade, da faixa etária, da categoria etc. Tem, enfim, uma especificidade que o bibliotecário tem que ter capacidade de conhecer e atender.

No que diz respeito ao profissional de biblioteca pública, a situação é ainda mais complicada, embora existam aqueles que acreditam ser este o grande espaço do bibliotecário polivalente. Mas não é, pois não há usuário "polivalente".

O espaço da biblioteca pública pode ser entendido como polivalente, em função da heterogeneidade de seu acervo, serviços e usuários. Isso não implica possuir funcionários polivalentes, mas em apresentar um quadro de pessoal diversificado. Seja qual for a formação e o nível de excelência do bibliotecário ele não poderá nunca resolver sozinho e eficaz-

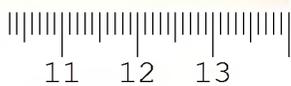
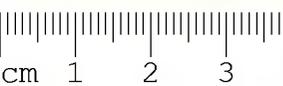


mente todos os problemas da biblioteca pública. Este é essencialmente o espaço da interdisciplinaridade.

O trabalho interdisciplinar não envolve apenas um conjunto de profissionais de diferentes formações desenvolvendo atividades paralelas, mas indivíduos interagindo nas suas áreas de competência e integrados ao todo em função de objetivos e projetos comuns.

É interessante observar que em qualquer biblioteca mantida por órgãos da Administração Pública, quer seja na escolar ou universitária, quer seja, ainda, na própria biblioteca pública, é comum encontrar-se funcionários com as mais diversas funções e formações, indo desde jardineiros em bibliotecas que nem têm jardim, até costureiros e serventes cansados, os professores readaptados que não podem dar aulas. Não se entenda por interdisciplinaridade esse despejar de funcionários na biblioteca. Isso é desvio de função, resultado das mais diversas arbitrariedades e de casuísmo tão freqüentemente encontrados em nossa administração pública. Interdisciplinaridade é outra coisa. É projeto. É ação integrada. conseqüentemente, cuja eficácia depende, em grande parte, da atuação do bibliotecário. Ele tem que ter flexibilidade para, em primeiro lugar, não encarar a biblioteca como reserva de mercado seu e, em segundo lugar, para conseguir dialogar com outros profissionais de forma que, cada um dentro de sua competência e de sua linguagem, possa articular linhas de ação integradas.

O bibliotecário, para atuar em projetos interdisciplinares, precisa estar aberto para o trabalho em equipe e ter um conhecimento mínimo do conteúdo e das demais áreas. Isto o currículo mínimo não prevê e a maioria dos cursos não oferece. Os cursos de Biblioteconomia e Documentação que fazem parte de uma Universidade teriam possibilidade de, ao menos, oferecer aos alunos um elenco de disciplinas optativas que seriam cursadas em função de seu interesse, levando em conta sua opção profissional futura. Assim, por exemplo, o aluno interessado em biblioteca pública cursaria determinadas disciplinas nas áreas de Ciência Política, Educação, Ciências Sociais, Arte-Educação, Psicologia etc. Não seriam disciplinas direcionadas a seus problemas profissionais específicos, mas contribuiriam para ampliar a dimensão de sua prática, conscientizando o aluno das implicações de sua ação, sensibilizando-o em relação ao objeto de campos de trabalho relacionados e até fazendo brotar idéias para futuros trabalhos interdisciplinares. Seria o currículo multidisciplinar mon-



tado pelo aluno em função de um futuro trabalho interdisciplinar. Essa é a alternativa viável para hoje e que poderá preparar terreno para um futuro currículo que, ao invés de justapor as disciplinas, as integresse num todo orgânico.

De qualquer forma, por melhor que possa ser o currículo do curso de graduação do bibliotecário/agente cultural, ele jamais poderá se contentar com essa formação. É uma profissão que exige constante atualização e pesquisa permanente.

A eficácia do bibliotecário/agente cultural está em sua capacidade de estabelecer relações, captar e canalizar anseios, traduzir esses anseios em projetos e interferir na sua comunidade. Seu estímulo primeiro são suas próprias inquietações. A partir daí, e com o auxílio da Universidade, é no processo de ação e reflexão sobre o trabalho que desenvolve com a comunidade que vai poder firmar seu papel e transformar as bibliotecas em pólos dinâmicos de ação sócio-cultural.

ABSTRACT: The concept of cultural promotion and cultural actions is discussed in view of pertinent activities developed in São Paulo State Public Libraries. Despite individual efforts, it may be concluded that the librarian is not prepared to face this new dimension of the profession. It is suggested that library education be adapted to meet the social needs. Some innovations in undergraduate courses as well as specialization programs and interdisciplinary projects are seen as possible and immediate solutions to minimize the problem.

KEY WORDS: Cultural promotion activities. Public Libraries Librarian, Library Education.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARBOSA, Anna Mae Tavares Bastos. *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo, Max Limonad, 1984.
- COELHO NETTO, José Teixeira. *Usos de cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- HIRSCHMAN, Albert O. *De consumidor a cidadão: atividades privadas e participação na vida pública*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MILANESI, Luiz Augusto. *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MOULINIER, Pierre. *The training of cultural animator*. Paris, Unesco, s.d.

